

PRECONCEITO RACIAL EM SALA DE AULA

Ana Tavares de Luna Meireles ¹
Tamires Parnaíba Bruno Zambrano ²
Joacileide Bezerra de Sousa ³
Claudia Karla da aSilva Santos ⁴

RESUMO

O Projeto tem como tema “Preconceito racial em sala de aula”, desenvolvido na E.E.E.F.F.M. Monsenhor Constantino Vieira, com as turmas das 1ª Séries do Ensino Médio, com o objetivo principal de trabalhar atividades diferenciadas, no sentido de conduzi-los a uma nova cultura de relacionamentos para que todos possam desenvolver suas habilidades de forma livre, ou seja, reconhecendo, valorizando e respeitando a cultura do outro através do uso das práticas pedagógicas oferecidas pela Grade Curricular escolar. De início, está foi bastante difícil trabalhar os conteúdos mediante a falta de respeito entre os alunos, principalmente com os colegas negros. Nesse contexto, vale ressaltar, que piadas, brincadeiras de mau gosto, apelidos, entre outros, são bastante recorrentes. Nos últimos meses, está ocorrendo certo desconforto na convivência entre os alunos pela falta de respeito, acompanhados de atitudes racistas vivenciadas com colegas negros. Sabemos que a escola é um complemento da educação familiar, além da transmissão dos conteúdos, tem obrigação de esclarecer e propor novas formas de comportamentos que ajudem na construção de uma moderna realidade voltada para o bem comum. Diante dessa realidade, o trabalho foi realizado de acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola e sobre a Lei nº 10.639/2003, em que fala da obrigatoriedade de se trabalhar a Cultura Afro-Brasileira em todas as escolas. Dessa forma, gerou um grande impacto entre os alunos por ser um assunto pouco discutido em sala de aula. Entretanto, procurando rever nossas práticas pedagógicas, buscamos desenvolver atividades que chamassem atenção para o assunto e ao mesmo tempo, proporcionando momentos onde os estudantes pudessem descobrir e construir suas próprias convicções e opiniões acerca dessa problemática, é necessário que toda a comunidade escolar esteja atenta para esses problemas considerados corriqueiros e que aparecem de forma sutil, para que não aconteçam no espaço das salas de aula.

Palavras-chave: Projeto Educacional, Aluno, Ambiente Escolar, Preconceito.

²Graduada dos Cursos de Geografia e História da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG
autorprincipal@ana.meireles4@professor.pb.gov.br

² Graduada do Curso de Letras Língua Inglesa da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG,
coautor1@tamires.zambrano@professor.pb.gov.br.;

²Graduada do curso de Letras Língua Espanhol, Instituto Federal de Educação, Ciências do Rio Grande do Norte - IFRN, coator3 joacileide2009@hotmail.com

⁴Graduada do Curso de Letras Língua Portuguesa da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG,
orientador@claudiakarlada@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este projeto foi desenvolvido na E.E.E.F.F.M. Monsenhor Constantino Vieira, com as turmas das 1ª Séries do Ensino Médio de Cajazeiras - PB, no período do 2º Bimestre (27/05/2015 a 04/08/2015) cujo tema foi o “Preconceito Racial em sala de aula”. Onde procuramos mostrar aos alunos a importância da Cultura Afro-Brasileira para o nosso cotidiano e a influência da mesma em todas as manifestações culturais. Através de leituras e reflexões com os professores sobre a Lei nº 10.639/2003 que exige das escolas o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira em todo o Currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artísticas de Literatura e Histórias Brasileiras, constatamos a necessidade de aplicar um trabalho de resgate a Cultura Afro-brasileira procurando assim, sensibilizar a comunidade escolar através de amostras de Capoeira, entrevistas, atividades pedagógicas e oficinas de bonecas de pano.

A princípio esse tema gerou entre a turma, certo desconforto por parte de alguns alunos por ser um tema muito polêmico e muitos deles não receberam orientações da família sobre o respeito que eles devem ter diante de uma pessoa ou colega de cor negra. Esse tipo de comportamento é visto como normal entre eles, pois desde criança, eles absorveram da família certos costumes e atitudes racistas e preconceituosas, que, ao chegar à escola nem se dão conta da falta de respeito entre os colegas. Ao perguntar a alguém se é preconceituoso, de imediato a resposta é negativa, uma vez que a maioria dos alunos afirmam não ter nenhuma espécie de preconceito. Afinal, o tratamento ridicularizá-lo, diminuí-lo, menosprezá-los, a ponto de lhes colocarem em posições desumanas.

Pensando na dimensão em que se encontrava o comportamento dos nossos alunos com atitudes preconceituosas, discriminatórias e até agressões com alguns colegas, por causa da cor da pele ou etnia, despertamos o interesse de orientá-los no sentido de envolvê-los em atividades que levassem a uma nova compreensão do assunto, através do conhecimento da origem e influência desses povos no Brasil.

Apesar da existência de um bom número de alunos negros, não é raro encontrarmos cada vez mais alunos sendo vítimas do preconceito racial, além de agressões, usam frases que ridicularizam os colegas negros conhecidas por ditos populares como: negão, negro é a sujeira do mundo, é negro mas presta, negro é igual a urubu só presta longe, negro fede a macaco, a coisa tá preta, negro só é gente quando está no banheiro, negro quando não suja na entrada suja na saída, entre outras.

Vale ressaltar que algumas dessas piadas ilustram a construção de estereótipos, de modo a identificar a predominância de elementos do preconceito e que apesar de muitas pessoas as considerarem engraçadas e humoristas, algo muito visível nas mídias, livros didáticos e comédias, todas têm sentidos pejorativos sobre o negro, de maneira a ridicularizá-lo, diminuí-lo, menosprezá-los, a ponto de lhes colocar em posições desumanas.

As consequências desta formação podem ser diversas e devem ser evitadas pelos profissionais da área da Educação, por serem de fundamental importância na intervenção das atitudes discriminatórias na escola.

METODOLOGIA

Este projeto teve como objetivo trabalhar o tema relacionado à diversidade cultural na escola E.E.E.F.F.M. Monsenhor Constantino Vieira, com as turmas das 1ª Séries do Ensino Médio sobre o “Preconceito racial em sala de aula” que ao longo do tempo, vem sendo uma prática corriqueira tanto em salas de aulas como também nos corredores nos intervalos e recreios como: xingamentos, empurra empurra entre outros”. Este tipo de comportamento está prejudicando não só o alunado, mas também os professores e o andamento das aulas.

O preconceito racial constitui-se em um grave problema existente nos dias atuais, presente em toda a sociedade, de um modo geral e conseqüentemente o espaço educativo não está ausente desse processo, algo que existe desde há muito tempo. Um assunto que quando exposto causa polêmica por ser muito complexo. Ao perguntar a alguém se é preconceituoso de imediato a resposta é negativa, uma vez que a maioria das pessoas afirma não ter nenhuma espécie de preconceito. Afinal, o tratamento diferenciado e as formas de expressões direcionadas ao negro aparecem como “disfarçadas”.

Por esses e outros motivos é importante fazer uma reflexão se o preconceito existente no espaço educativo compromete a autoestima e, conseqüentemente influenciam no processo de construção do conhecimento dos estudantes, principalmente nos anos iniciais de escolarização. Uma vez que a educação é um espaço de formação de indivíduos.

Esse trabalho é parte de um projeto de pesquisa que teve como base, pesquisas bibliográficas em diversas fontes, tais como: livro, artigos, leis, voltados para a temática das questões raciais.

Pensando nos objetivos propostos para esse trabalho, organizamos a discussão a partir dos seguintes procedimentos metodológicos:

- 1- Apresentação do tema aos alunos através de roda de conversas identificando a influência da cultura negra em nosso meio, como também a aceitação da mesma entre os alunos;
- 2- Entrevista individual com perguntas e respostas no intuito de saber o grau de aceitação do assunto e do tema do projeto;
- 3- Pesquisa no dicionário de palavras desconhecidas relacionadas ao preconceito;
- 4- Pesquisa na internet sobre a temática do preconceito;
- 5- Leitura e reflexão de livros textos falam da origem da cultura africana;
- 6- Sala de vídeo com DVDs sobre a História da Cultura Africana da Coleção “A cor da Cultura Nota 10”, Kiriku e a Feiticeira, Menina Bonita do Laço de fita;
- 7- Apresentação de luta de Capoeira, mostrando a sua importância para a formação dos



jovens para um futuro sem violência;

8- Culminância do projeto com reapresentação de capoeira com o professor e aluno da escola no pátio e a participação da comunidade escolar;

REFERENCIAL TEÓRICO

A instituição escolar é um espaço responsável pelo processo de socialização infantil, principalmente nos anos iniciais do ensino fundamental, no qual se estabelecem as relações com crianças de diferentes culturas familiares. Esse contato diversificado, poderá fazer da escola o primeiro espaço de vivência das tensões raciais. As relações que são estabelecidas entre crianças, sejam elas, brancas e negras no ambiente de sala de aula pode acontecer de modo tenso, ou seja, segregando, excluindo, possibilitando que a criança negra adote em alguns momentos uma postura tímida, com receio de que seja rejeitada, insultada ou ridicularizada pelo seu grupo social. O preconceito praticado à criança negra pode e é muito perverso, ou seja, pode causar um transtorno muito grande para seu inconsciente, pois pode fazer com que ela não se reconheça, iniciando um processo de desvalorização de suas características individuais, que interferem na construção da sua identidade. O que pode fazer com que a criança sinta-se desvalorizada e excluída, chegando até a pensar que não é merecedora de direitos e, digna de respeito.

Esse processo de manifestação discriminatória no espaço educativo tem gerado um quadro de agressões tanto físico como simbólica (linguagem que desvalorizam o negro), o que na maioria das vezes tem acarretado uma série de sofrimentos no cotidiano desses alunos negros, algo que nem sempre é visível aos nossos olhos, por que envolve tanto o caráter moral, como o psicológico do indivíduo. O que se subentende é que, a formação e construção da identidade do indivíduo é um processo que começa na fase inicial da Educação Infantil.

A identidade refere-se a um contínuo sentimento de individualidade que se estabelece valendo-se de dados biológicos e sociais. O indivíduo se identifica reconhecendo seu próprio corpo, situando em um meio que o reconhece como ser humano e social. Assim, a identidade resulta da percepção que temos de como os outros nos vêem (ERIKSON, 1976 apud CAVALLEIRO, 2005, p. 19).

Sendo assim, cabe questionar qual a função ou papel da escola? Segundo Araújo (1996 apud AQUINO, 1998): O papel da escola é o de uma instituição social responsável não só pela democratização do acesso aos conteúdos culturais historicamente construídos, mas também responsável pelo desenvolvimento individual de seus membros (em todos os aspectos), objetivando sua inserção como cidadãos autônomos e conscientes em uma sociedade plural e democrática.

Diante de tal quadro não é de se estranhar que muitas crianças negras não queiram se identificar como tal, porque o papel do negro na sociedade está sempre relacionado a coisas ruins. Com isso, a autoestima e a autoconfiança desses alunos diminuem, na medida em que um autoconceito negativo é gerado na sociedade brasileira.

Devido a tantas agressões físicas e simbólicas contra as crianças negras, seja na rua como no espaço educativo, muitas dessas crianças acabam por negligenciar a sua tradição cultural para assumir uma postura de “embranquecimento” a qual a sociedade e o próprio espaço escolar tem posto para ela como a ideal (branco, alto, forte, olhos claros, cabelos lisos,

entre outros). Para uma criança negra em seus anos iniciais fica difícil de entender e ao mesmo tempo não é entendida nesse sistema educacional, que parece reproduzir o padrão hegemônico, que estereotipa ela como incapaz, rebelde, burra, entre outros. Onde o professor quase não tem contato físico e afetivo com essas crianças, demonstrando a rejeição do seu grupo social e causando-lhes grandes sofrimentos segundo Amaral (1995, p. 11).

A dificuldade enfrentada pelas crianças em seu convívio escolar tem algum denominador comum. Se pensássemos nos costumeiros apelidos que circulam nos lábios infantis, tais como: rolha de poço, azeitona no palito, pau-de-sebo, nanico, crioulo doido, quatro olho, surdinho, tadinho, sequeta, mula mansa, entre outros.

A violência atribuída à criança negra na sala de aula, seja por meio de insultos ou expressões de cunho racista, tida como “normal” pelo seu grupo social, tem mostrado claramente a falta de respeito que desde muito cedo são ensinadas as crianças.

Diante dessa realidade, constatamos a necessidade de um projeto de intervenção no PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola onde pudéssemos fazer um trabalho de resgate da cultura Afro-Brasileira, procurando assim, sensibilizar a comunidade escolar, como também os professores no sentido de conhecer e ampliar os conhecimentos sobre a Lei Nº 10.639/2003 e ao mesmo tempo contribuir para divulgação e aplicação da mesma nos conteúdos oferecidos pela Grade Curricular da escola.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados coletados revelaram que o preconceito racial em sala de aula se manifesta de várias maneiras, incluindo discriminação verbal, segregação social, estereótipos raciais e bullying racial. Alunos de minorias étnicas frequentemente enfrentam comentários depreciativos e piadas, criando um ambiente de aprendizado hostil e desmotivador. Além disso, observou-se que o preconceito racial muitas vezes resulta em segregação, com grupos étnicos distintos formando círculos sociais separados, dificultando a coesão e a colaboração na sala de aula.

Sendo assim, observa-se que os resultados indicaram uma correlação significativa entre o preconceito racial e o desempenho acadêmico dos alunos. Estudantes que foram alvo de preconceito racial demonstraram uma queda em seus resultados acadêmicos, associada a níveis elevados de estresse e ansiedade. Além disso, o preconceito racial afetou o bem-estar emocional dos alunos, levando a problemas de autoestima, isolamento social e, em casos extremos, depressão. Esse impacto negativo na saúde emocional também influenciou a participação dos alunos nas atividades escolares e sua disposição para colaborar em projetos em grupo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na aplicação desse projeto as avaliações ocorreram de forma diagnóstica (sistematicamente) com a intenção primordial de rever a própria prática docente, criando novas possibilidades para estimular os alunos a desenvolverem-se suas potencialidades levando em conta, principalmente, os avanços individuais dentro da coletividade e participação no desenvolvimento de todas as atividades (de acordo com as peculiaridades de cada aluno) no decorrer do projeto.

As atividades foram desenvolvidas através de vários instrumentos avaliativos como pesquisas e produção de textos, trabalhos coletivos, desenhos individuais, oficinas, apresentação de capoeira e a participação e envolvimento das turmas durante as aulas. Portanto, o projeto trata-se de uma proposta construída, mas não acabada, e sempre estará sujeito a mudanças de acordo com o cotidiano em sala de aula.

Os resultados deste estudo destacam a necessidade urgente de abordar o preconceito racial em sala de aula para melhorar tanto o desempenho acadêmico quanto o bem-estar emocional dos alunos. A conscientização e o treinamento contínuo dos educadores são essenciais para criar um ambiente escolar mais inclusivo. Além disso, políticas educacionais que promovam a diversidade e a igualdade, juntamente com a implementação de medidas disciplinares rigorosas contra o preconceito racial, são cruciais para criar uma cultura de respeito e aceitação nas escolas.

Em suma, este estudo destaca a complexidade do preconceito racial em sala de aula e ressalta a importância de uma abordagem multifacetada para enfrentar esse problema.

Somente por meio da colaboração entre educadores, alunos, pais e formuladores de políticas podemos criar ambientes educacionais verdadeiramente inclusivos, onde todos os alunos possam aprender e prosperar, independentemente de sua origem étnica ou racial.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Ligia Assumpção. Sobre crocodilos e avestruzes: falando de diferenças físicas, preconceito, e sua superação. In: AQUINO, Julio Groppa. (Org.) **Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas**. 5. ed. São Paulo, SP: Summus,
- ARAÚJO, U. F. O déficit cognitivo e a realidade brasileira. In: AQUINO, Julio Groppa. (Org.) **Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas**. 5. ed. São Paulo, SP: Summus, 1998.
- AURÉLIO, B. H. F. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 15. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d. 2001.
- CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- DEWEY, John. *Vida e Educação*. São Paulo: Victor Civita, 1980.
- HASENBALG, Carlos A. **Discriminação e desigualdade raciais no Brasil**. Rio de Janeiro; Edições graal, 1979.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Conteúdo Histórico: Brasil – 500 anos de povoamento**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/brasil500/index2.html>> Acesso em: 06 de Jun. 2010.
- ITANI, Alice. Vivendo o preconceito em sala de aula. In: AQUINO, Julio Groppa. (Org.) **Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas**. 5. ed. São Paulo, SP: Summus, 1998.